

**O corpo brincante – uma abordagem artística e pedagógica desenvolvida com o projeto
Brincar é uma felicidade na EMEIEF Rachel de Queiroz em Maracanaú/CE¹**

Francisco Ferreira de Souza Junior²

Thais Goncalves Rodrigues da Silva³

RESUMO

O presente artigo apresenta uma abordagem artística e pedagógica intitulada como *abordagem do corpo brincante*, construída a partir das minhas experiências como artista-docente. Por meio dos saberes e fazeres tradicionais e suas práticas criativas, acessei saberes ligados às danças tradicionais e populares, conectando alunos, professor e o processo de aprendizagem em Artes, com fins de proporcionar um ensino significativo. O foco do presente texto está na realização do projeto *Brincar é uma felicidade*, proposto no âmbito do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) da Universidade Federal do Ceará (UFC), e realizado entre agosto de 2022 e agosto de 2023, com pré-adolescentes do 6º ano, em situação de vulnerabilidade social da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental (EMEIEF) Rachel de Queiroz, em Maracanaú (CE). Esses alunos têm corpos comumente considerados indisciplinados, por vezes sendo invisibilizados. É uma fase da vida de transição entre a infância e a adolescência, onde há mudanças estruturais na escola, com a inserção de múltiplos professores e carteiras e cadeiras enfileiradas. Contexto propício para que percam a ludicidade, busquei mostrar aos alunos como um corpo feliz que se movimenta e brinca pode possibilitar melhores relações e resultados nos processos de ensino-aprendizagem. Para isso, estabelecemos um elo com suas ancestralidades, descobrindo brincadeiras e brinquedos cantados da cultura popular inseridas no próprio ambiente familiar. A abordagem do corpo brincante se apoia na pedagogia de Paulo Freire, destacando a emancipação e autonomia dos alunos. Incorpora a visão de Isabel Marques que, por meio da brincadeira e da experimentação, propõe uma dança ligada ao contexto dos alunos. Além disso, valoriza a ancestralidade, seguindo os ensinamentos de Inaicyra Falcão dos Santos, que põe foco na importância de se reconhecer as inscrições corporais e culturais de cada aluno. Quanto aos aspectos metodológicos utilizados na pesquisa, foram de natureza teórico/empírica, de caráter exploratório, com abordagem qualitativa descritiva, utilização de métodos etnográficos como entrevistas e observação participante. Tem como objetivo analisar como o corpo brincante, na docência em arte, pode se potencializar nas relações socioafetivas e tornar-se, assim, uma abordagem pedagógica. As análises dos dados mostraram um impacto positivo com a aplicação da *abordagem do corpo brincante*, e se deram a partir de entrevistas e da observação do corpo em práticas artísticas educativas e criativas.

Palavras-chave: arte-educação; brincar; corporeidade; prática docente.

¹ O presente artigo constitui-se como trabalho de conclusão de curso do Mestrado Profissional em Artes – Profartes - UFC

² Aluno do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC), docente da EMEIEF Rachel de Queiroz e da EMEIEF Walmiki Sampaio de Albuquerque. Graduado em Música pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Email: fferreirasj@hotmail.com

³ Doutora em Dança e em Artes da Cena, pelas Universidades de Lisboa (ULisboa) e Estadual de Campinas (UNICAMP), professora dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Dança e do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará (ICA/UFC). Orientadora da presente pesquisa. Email: thgoncalves@hotmail.com

ABSTRACT

This article presents an artistic and pedagogical approach entitled the *playing body approach*, built from my experiences as an artist-teacher. Through traditional knowledge and practices and their creative practices, I accessed knowledge linked to traditional and popular dances, connecting students, teachers and the learning process in Arts, with the aim of providing meaningful teaching. The focus of this text is on the implementation of the project Playing is happiness, proposed within the scope of the Professional Master's Degree in Arts (ProfArtes) at the Federal University of Ceará (UFC), and carried out between August 2022 and August 2023, with pre-adolescents in the 6th year, in a socially vulnerable situation at the Municipal School of Early Childhood and Elementary Education (EMEIEF) Rachel de Queiroz, in Maracanaú (CE). These students have bodies commonly considered undisciplined, sometimes being made invisible. It is a transitional phase of life between childhood and adolescence, where there are structural changes in the school, with the insertion of multiple teachers and desks and chairs lined up in rows. A conducive context for them to lose their playfulness, I sought to show students how a happy body that moves and plays can enable better relationships and results in the teaching-learning processes. To do this, we establish a link with their ancestries, discovering games and sung toys from popular culture inserted in the family environment. The *playing body approach* is based on Paulo Freire's pedagogy, highlighting the emancipation and autonomy of students. It incorporates the vision of Isabel Marques who, through play and experimentation, proposes a dance linked to the students' context. Furthermore, it values ancestry, following the teachings of Inaicyrá Falcão dos Santos, who focuses on the importance of recognizing each student's bodily and cultural inscriptions. As for the methodological aspects used in the research, they were theoretical/empirical in nature, exploratory in nature, with a descriptive qualitative approach, using ethnographic methods such as interviews and participant observation. It aims to analyze how the playing body, in art teaching, can enhance socio-affective relationships and thus become a pedagogical approach. Data analyzes showed a positive impact with the application of the *playing body approach*, and were based on interviews and observation of the body in educational and creative artistic practices.

Keywords: art education; to play; corporeality; teaching practice.

Data de Submissão: 19/09/2023.

Data de aprovação: 25/09/2023.

DOI: _____

1 CANTO DE ENTRADA

Bom dia, boa tarde, boa noite meus senhores, minhas senhoras; peço aqui licença ao rigor e à formalidade acadêmica para entoar um canto de entrada.

No reisado me descobri
 Pelo brincar entendi
 Que força tem um corpo vivo
 Ligado em suas raízes!
 No corpo brincante, a alma se agita,
 Um sorriso no rosto, a felicidade grita,
 Na ancestralidade, a história se revela,
 Ligando passado e presente numa janela
 Trago aqui as brincadeiras
 De arraias e bruxinhas
 Em terra de maracanãs
 Lá se viu pai, mãe, avô e avó brincar?
 É o corpo brincante que se revela
 No terreiro, na calçada e em todo lugar
 Quem dá bronca e puxa a orelha
 Um dia também já viveu a arte do brincar
 É a velhice se desmanchando
 Para reviver agora o que na mocidade fez
 Corpo brincante e ancestralidade
 No Brincar é uma felicidade
 Não tem velho, não tem criança
 Tem dança, tem faz de conta, tem histórias,
 Tem diferentes tempos num mesmo espaço
 Venha ver que eu vou te contar!
 A brincadeira vai começar!

Esse canto de entrada é inspirado na narrativa do reisado do grupo tradicional liderado pelos irmãos Raimundo e Antônio Ferreira, da cidade de Juazeiro do Norte, no sertão cearense. Entre seus versos, cantados na jornada de entrada da brincadeira, destaco estes: “Reisado é bom/ Reisado foi minha infância/ inda hoje eu tem lembrança/ do reisado que brinquei/ chegou a vez/ eu hoje tô recordando/ e a velhice desmanchando/ o que mocidade fez”. Minha *práxis*, como professor de Artes na escola pública, tem mantido uma articulação com os saberes e fazeres populares e suas poéticas criativas, sendo o corpo brincante o meio que, constantemente, tenho utilizado como primeiro caminho para atingir objetivos pedagógicos, nomeadamente despertar e estimular os alunos para o aprendizado e o gosto pela convivência no espaço escolar.

Filho de mãe rendeira, vinda de Aquiraz (CE), fui criado na musicalidade do entrelaçar dos bilros. Embora tendo contato com diversas brincadeiras, o acesso aos 4 saberes populares, de um modo mais amplo e profundo, só aconteceu no ensino médio. Andando pelas galerias da antiga Escola Técnica, atual Instituto Federal do Ceará (IFCE), eu escutava sapateados, cantorias, instrumentos como sanfona e zabumba e uma voz de comando. Eram os ensaios do grupo de projeção folclórica, atualmente denominado Grupo MiraIra⁴, reunindo canto, dança e poesia. Fui tomado de um encanto e deslumbramento que aguçaram minha curiosidade, me inquietaram e me fizeram entrar nas brincadeiras da nossa cultura, sejam as de domínio público ou criadas e reelaboradas pelo grupo. Passei a conhecer também uma vasta referência bibliográfica e fui inserido no campo de estudo do folclore⁵. Essa vivência me tomou de tal forma que, ao invés de dar seguimento à formação em Eletrotécnica, resolvi me graduar em Música.

Em sala de aula, como docente em Artes, percebi que, ao ingressar no ensino fundamental II, os alunos vivem um importante período de transição, passando da fase da infância para a adolescência. O sistema escolar costuma não acompanhar e acolher essa mudança, lançando os pré-adolescentes em um novo modo de estudos radicalmente diferente do ensino fundamental I. De um professor eles passam a ter vários e as disciplinas multiplicam-se; e, ao invés de sentarem-se em roda, passam a ficar enfileirados, sendo exigido que os alunos permaneçam sentados por longos períodos. Vejo que alguns são taxados como indisciplinados, sendo comum rótulos como “danados”, “inquietos”, “desinteressados”. E aqui surgem “moedas de troca” como “se não prestar atenção, vai ficar sem intervalo”, conforme sinaliza a artista e educadora Márcia Strazzacappa (2001) e como eu presencio na escola. Falta refletir e indagar: será que esses alunos são desinteressados ou a sua maneira de se expressar no mundo é que não está sendo respeitada?

Com essa inquietação, percebi que, quando eu falava a palavra “brincadeira”, os olhos dos alunos brilhavam, a felicidade parecia extravasar pelos seus corpos, todos pareciam muito presentes na aula e eu ouvia interjeições em uníssono, tais como “oba”, “vamos”, seguidas de sorrisos, tanto dos obedientes quanto daqueles considerados indisciplinados.

⁴ O grupo MiraIra foi fundado em 1982, em forma de laboratório, no qual se desenvolvem várias ações possibilitando estudos e experiências em artes cênicas e musicais com matrizes estéticas da tradição popular, tanto do Brasil quanto de outras partes do mundo. Atualmente o grupo é coordenado pela Profa. Dra. Lourdes Macena e mantém-se, desde sua criação, vinculado ao Instituto Federal do Ceará (IFCE).

⁵ Entendo por folclore um conjunto de tradições, costumes, lendas, histórias, canções, danças e expressões culturais transmitidas oralmente, de geração em geração, dentro de uma comunidade ou grupo cultural específico. Embora existam debates em torno do uso das nomenclaturas “folclore” e “cultura popular”, no presente artigo não vou me deter a essa discussão conceitual.

Assim, entendi que a ludicidade ainda está presente entre esses alunos em fase de pré-adolescência e algo precisava ser feito para que não fosse deixada de lado e os seus corpos silenciados. Pensando nisso, encontrei uma oportunidade para trazer os saberes populares para o universo escolar e tive a ideia de elaborar a *abordagem do corpo brincante* como parte de minha pesquisa no âmbito do Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Com isso, convido a todos para uma jornada artística e pedagógica onde a imaginação ganha asas quando pré-adolescentes, prestes a perder o frescor da infância, descobrem, em suas casas, brincadeiras populares que vêm atravessando gerações. Pelo projeto *Brincar é uma felicidade*, realizado com 96 alunos entre 10 e 12 anos, das 6as séries A, B e C, na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental (EMEIEF) Rachel de Queiroz, em Maracanaú (CE), entre agosto de 2022 e agosto de 2023, propus uma pesquisa que articula corpo e ancestralidade, a partir da memória das brincadeiras vivenciadas pelos seus familiares, que foram trazidas para o universo escolar. A partir delas, entramos na atmosfera popular de nossa cultura, experimentando um conjunto de brincadeiras cantadas, dando vida a bruxinhas e arraias confeccionadas pelos próprios alunos com a colaboração de seus familiares mais próximos.

Esse projeto foi proposto a partir de alguns questionamentos, tais como: será que os alunos considerados indisciplinados não têm interesse pelos conteúdos estudados nas aulas, ou seria o modelo de comportamento adotado nas escolas que não contempla o seu jeito de aprender? Será que só quem têm oportunidade de aprendizagem são aqueles que são sempre calados, quietos e que não se expressam, nem sequer para tirar dúvidas? Será que é possível reunir, no mesmo espaço escolar, alunos com comportamentos, estruturas familiares e tipos de educação tão diferentes entre si? É possível que as práticas poéticas com o corpo brincante popular contribuam para que alunos em situação de vulnerabilidade social permaneçam na escola, sobretudo considerando que a EMEIEF Rachel de Queiroz está inserida em uma comunidade carente financeiramente e, inclusive, afetivamente? O ensino e aprendizagem em arte, que tem o brincar como ferramenta, contribui para que a escola onde atuo acolha e colabore na formação de cidadãos críticos e transformadores de sua própria realidade?

A partir destas questões proponho uma *abordagem do corpo brincante*, interligando o ensino de artes com os saberes populares que, muitas vezes, estão escondidos dentro da casa dos alunos e que, uma vez despertados, podem colaborar para tornar a relação entre gerações mais significativa e afetiva. Além disso, podem trazer conteúdos para alimentar as práticas criativas em sala de aula, tornando esse ambiente um lugar de trocas de vivências que, por fim,

contribuem para que os alunos se sintam mais envolvidos com seus colegas, professores, escola, familiares e o lugar onde vivem.

A presente investigação teve uma abordagem qualitativa, considerando que foram analisadas realidades subjetivas, contendo aspectos sociopsicológicos, a partir da leitura de opiniões abertas. Para tanto, realizei conversas em aulas e em entrevistas, buscando observar os impactos do projeto *Brincar é uma felicidade* por meio de estudos e percepções sobre as ações que propus na escola, procurando captar uma ideia em torno das experiências vividas com as brincadeiras populares de nosso contexto. Sampieri, Collado e Lucio afirmam:

O enfoque qualitativo possui uma variedade de concepções ou marco de interpretações, porém todos eles têm um denominador comum que é o conceito de padrão cultural (Colby, 1996) que parte da premissa de que toda cultura ou sistema social tem um único modo para entender situações e eventos. Esta cosmovisão, a maneira de ver o mundo, afeta a conduta humana. Os modelos culturais se encontram no centro dos estudos qualitativos pois são flexíveis e maleáveis constituindo marco de referência para os atores sociais, estão construídos pelo inconsciente, transmitidos por outros e pela experiência pessoal (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2008, p. 9).

Com este enfoque desenvolvi um estudo de caso específico, a fim de analisar como o corpo brincante, na docência em arte, pode se potencializar nas relações sócio-afetivas e tornar-se, assim, uma abordagem pedagógica. Foi um estudo de caráter exploratório, com natureza teórico-empírica. Com métodos etnográficos, fiz uso de observação participante, entrevista semiestruturada presencial e virtual (formulário), aplicadas em junho de 2023, junto a alunos e a seus respectivos familiares, envolvidos neste trabalho, bem como a professores e gestores da escola⁶.

Por se tratar de um estudo de caso, tal metodologia foi escolhida para o projeto em virtude de possibilitar uma visão singular e plural do fenômeno e dos atores sociais em questão, assim como compreender as práticas e as interações a partir de intervenções que só são possíveis através de uma metodologia etnográfica. De acordo com Antônio Chizzotti, no seu livro *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais, o método etnográfico*, esta abordagem metodológica tem sido utilizada cada vez mais por diversas áreas científicas. Dentro desta pesquisa, ele se torna uma ferramenta fundamental, pois a proposta de interagir diretamente com os pesquisados “pode auxiliar a compreender melhor suas concepções, práticas, motivações, comportamentos e procedimentos, e os significados que atribuem a essas práticas” (CHIZZOTTI, 2014, p. 65).

⁶ A veiculação dos dados, texto e imagens deste trabalho está devidamente autorizada pelas pessoas e seus respectivos responsáveis envolvidos na presente pesquisa.

Contudo, estou certo de que as reflexões devem considerar o contexto de cada corpo brincante em sua realidade social, econômica e emocional. Para isto, diante dos variados problemas estruturais que temos no nosso país, como as distintas formas de desigualdade e as várias faces da violência que afetam diretamente nossos alunos, cabe ao professor a tarefa de tornar a arte um espaço viável e eficiente para a integração e desenvolvimento dos nossos pequenos cidadãos.

O artigo que se apresenta constitui-se de toda memória afetiva que já vivi como aluno, professor de artes, pesquisador e brincante. Junto à bagagem prática da minha formação humana, como artista-docente, compreendo a importância de conhecer, estudar e compartilhar autores que levam para o currículo outras possibilidades de utilizar as brincadeiras populares, com suas cirandas e brinquedos cantados, como ferramenta de socialização, que não se limitam apenas a sequências de movimentos e coreografias, mas podem gerar um significativo espaço, no âmbito educacional, capaz de impulsionar transformações no modo de vida dos alunos.

2 EU BRINCO, TU BRINCAS E NÓS APRENDEMOS.... - *ABORDAGEM DO CORPO BRINCANTE*

A abordagem do corpo brincante é uma proposta artística e pedagógica que entende o corpo brincante dos alunos como uma oportunidade única de conexão deles com a sala de aula, como um tesouro, cheio de vida, potencial, energia vibrante e alegria contagiantes. Tal proposta foi construída a partir da minha prática docente para compreender a expressão corpórea do cidadão como elemento para perceber e transformar sua relação com o mundo. Assim, fui motivado a mergulhar nas reflexões freirianas a fim de decodificar e fortalecer meus diálogos com corpos que são excluídos, incompreendidos, que vivem na vulnerabilidade social ou até mesmo se tornam invisíveis dentro do próprio espaço escolar.

Busquei, então, reconhecer as necessidades dos alunos e criar um ambiente de aprendizagem com afetividade, com objetivo de motivar, oferecer empatia e entusiasmo a esses pré-adolescentes que estavam diante de mim. Observei, nesse processo inicial, rumo à sistematização das minhas ações pedagógicas, que o ato de brincar impulsiona os alunos a serem protagonistas na escola e na vida. Este movimento de brincar e transformar é evidenciado pela artista da dança e educadora Isabel Marques, na obra *Interações: crianças, danças e escolas* (2012, p. 31), no qual afirma que “permitir e incentivar que eles brinquem e dancem, que se transformem - já é em si uma forma de também transformar o mundo em que vivemos”.

A decisão de fazer do brincar uma ferramenta de aprendizagem foi uma forma de

diluir a hierarquia existente entre professor e aluno e transformar a aula de arte em uma experiência não coercitiva, mas, sim, colaborativa e envolvida no prazer e na satisfação, cujo impulso criador é gerado no contexto do indivíduo. Assim, estes alunos mantêm um vínculo direto com a experiência estética e artística, e podem ser impregnados de um saber sensível, no qual possam se reconhecer e se inspirar, observando e descobrindo seus limites e suas potencialidades, por vezes adormecidas ou expressas de um modo desordenado.

Acredito firmemente que essa abordagem, que valoriza o corpo brincante e as linguagens artísticas, é uma forma potente de romper com os modelos tradicionais e trazer mais significado para a educação. É um convite para explorar, questionar e ir além dos limites estabelecidos, criando uma experiência de aprendizagem efetivamente transformadora. Para mim, trabalhar com essa *abordagem do corpo brincante* no sistema atual de ensino é mais do que uma escolha, é uma missão para abrir horizontes, cultivar a sensibilidade e despertar a paixão pela arte. É uma forma de celebrar a diversidade de cada aluno e reconhecer o potencial criativo que reside em todos nós.

Diante disso, em agosto de 2022, iniciei o projeto *Brincar é uma felicidade* para sistematizar minha abordagem artística e pedagógica focada no corpo brincante. Dividi o projeto em quatro etapas: 1. Pesquisa de campo, onde os alunos brincavam de ser pesquisadores e perguntavam aos familiares sobre as brincadeiras de suas infâncias; 2. Composição coreográfica de brinquedos cantados; 3. Confecção de bruxinhas e arraias; 4. Jogos eletrônicos. Estas atividades estão ligadas aos estudos sobre folclore que pretendem desenvolver e estimular nas crianças do 6º ano uma imersão no universo das brincadeiras para que ampliem e deem consistência para o sentido da palavra “brincar”.

Em seguida, procurei criar uma ambiência onde eles se sentissem seguros para falar, se integrar e partilhar suas histórias e seus anseios. A partir da conquista desta confiança e deste elo, criei uma ponte para o universo das brincadeiras populares. Evidentemente que, como estamos falando de um corpo que se expressa, não podemos deixá-lo de fora deste acolhimento, pois como diz Isabel Marques: “muitas vezes não precisamos conversar em demasia, basta experimentar, fazer, incorporar conceitos para que possamos criticar e transformar” (MARQUES, 2012, p. 125). Assim, entre conversas e brincadeiras, estabelecemos um clima descontraído para o desenvolvimento e participação de todos no projeto.

Levando em conta a importância da afetividade nesse trabalho utilizei, especialmente com a dança, a corporeidade dos brinquedos cantados como instrumento pedagógico, a fim de possibilitar a conexão com o ser brincante através do reencontro dos alunos com suas histórias e suas raízes registradas na memória afetiva e nas narrativas contadas

e vividas por seus ancestrais. Uma vez que a dança, as narrativas, as histórias contadas do povo africano e indígena são base da cultura brasileira, este trabalho destaca ações interculturais que fortalecem e contribuem para a desconstrução de preconceitos que ainda se encontram enraizados nas pessoas que formam a comunidade escolar. Entre tais preconceitos, a ideia de que movimentos de requebrar o corpo não devem ser feitos por homens ou meninos, de que meninos e meninas não podem dançar juntos, de que meninos não brincam de bonecas e nem meninas empinam pipas.

Por isso é importante mostrar um significado real da relação entre as aulas de artes e a vida do aluno para estabelecer um elo entre a escola e a família, possibilitando uma intervenção mais consequente por parte da escola na formação de seus discentes. De acordo com a artista Inaicyrá Falcão dos Santos, no livro *Corpo e Ancestralidade: uma proposta pluricultural de dança-arte-educação*:

É necessário, então, construir uma experiência de ensino artístico de dança e cultura através da história do movimento corporal do indivíduo brasileiro e através da estética de dança, com uma possibilidade de comunicação significativa entre os conhecimentos empírico e o científico (SANTOS, 2006, p. 45).

Foi nisso que se alicerçou meu maior desejo acerca desta investigação, construir uma experiência não somente vinculada à composição coreográfica, mas, principalmente, com as necessidades daqueles corpos que por muitas vezes se tornam invisíveis ou desvalorizados dentro do ambiente escolar; muito embora tenham, cada um, suas inscrições corporais e, nelas, suas histórias de vida. Nessa perspectiva os jogos de faz de conta, por exemplo, permitem que nos coloquemos em diferentes papéis e cenários, nos transportando para um mundo de possibilidades infinitas. Neles criamos a experiência de sermos quem quisermos ser, onde se torna possível abraçar a transformação, explorar novos horizontes e encontrar prazer em cada estágio da vida: aspectos importantes a serem trabalhados no início da adolescência, fase marcada por vários questionamentos, incertezas, desmotivação e inseguranças. Portanto, considero que este é um momento em que os pré-adolescentes necessitam de toda orientação e compreensão com as mudanças internas que estão acontecendo em seus corpos. Segundo as psicólogas Maria Fondelho e Sandra Scivoletto:

além de instáveis, os adolescentes são fortemente reconhecidos pela necessidade de construção de sua identidade. Vive-se grande confusão de papéis até que seja possível assumir uma postura verdadeiramente adulta, caracterizada por autonomia e senso de responsabilidade por si mesmo e pelos outros (FONDELHO; SCIVOLETTO, 2018,

s/p).

Assim, o projeto *Brincar é uma felicidade* propôs vivências que auxiliem, de uma forma didática, na passagem por esta fase da vida dos alunos do 6º ano, através da valorização de seus corpos brincantes e de seus ancestrais imediatos, reconhecendo suas inscrições corporais e promovendo um canal de diálogo entre familiares, alunos e professores da escola. As mudanças que ocorrem com os alunos, neste período, os acompanham dentro e fora do ambiente escolar, o que torna ainda mais necessário um trabalho educativo que fortaleça o elo entre a escola e os discentes. Segundo o filósofo e pedagogo John Dewey, “a arte sempre teve continuidade com a vida, e permanece assim” (2010, p. 18). Acreditando nesta afirmativa, busco fazer das minhas aulas de artes um espaço que possa ser de construção e continuidade da vida dos alunos através do corpo brincante.

O diálogo e o engajamento dos alunos com suas famílias foram vitais para o sucesso deste projeto como forma de acessar a memória afetiva do universo das brincadeiras e, principalmente, para estabelecer e fortalecer o elo entre as fases da infância e da adolescência. Pois, na medida em que os alunos perceberam que o ser brincante ainda existia em seu pai, sua mãe ou tios e avós, eles se permitiram sentir e vivenciar este ponto de encontro, antes invisível, mas presente em seus familiares. Assim, eles se permitem acessar, vivenciar e não abandonar o lado lúdico, mesmo vivendo uma mudança de fase de vida. Esta troca foi importante também para os adultos, na medida em que puderam revitalizar o seu ser brincante. O projeto os ajudou a refletir e compreender, de uma forma mais madura, as constantes mudanças sociais, psíquicas, intelectuais e culturais pelas quais passam seus filhos, netos, enteados e sobrinhos.

2.1 *Brincar é uma felicidade: estratégias*

Assim, no **primeiro momento**, houve uma pesquisa de campo realizada pelos próprios estudantes. Para prepará-los, durante o mês de agosto de 2022, foi realizada uma sensibilização em torno do tema do projeto. Propus um diálogo sobre nossos ancestrais, despertando curiosidade a respeito da forma como pessoas de outros tempos brincavam e construía seus próprios brinquedos. Na sequência, a brincadeira foi que os alunos se transformassem em pesquisadores, assumindo o papel de “repórter por um dia”. Elaboramos, então, uma entrevista estruturada, com um questionário que guiaria a conversa com seus

ancestrais imediatos, em casa, ou seja, com seus pais, tios e avós. Este momento visou proporcionar uma conexão destes alunos com seus familiares, além de culminar com vivências lúdicas nos espaços livres da escola, com brincadeiras, jogos, brinquedos cantados e práticas coletivas trazidas desse universo familiar. Entre as perguntas: como eram as brincadeiras de seu tempo de infância? Tinham canto e dança? Como eram feitos os brinquedos? Nessas brincadeiras todos participavam? Havia separação entre meninas e meninos?

Ao iniciar o diálogo em casa, os alunos descobriram que seus pais brincavam de carimba, pipa, pular corda, carro de lata, bola de meia, apontando que eram brincadeiras feitas de materiais simples, alguns de sucata e confeccionados artesanalmente. Eles tinham a liberdade de brincar nas ruas, pois não havia risco de violência e o trânsito não era tão intenso. Alguns pais chegaram a dizer que as brincadeiras antigas eram mais interessantes do que as atuais e percebem que, atualmente, poucas crianças se divertem com as mesmas brincadeiras, preferindo jogos eletrônicos. Segundo eles, em seus tempos de infância havia mais interação entre as pessoas, pois todos participavam juntos das brincadeiras e não havia acesso à internet. Entre os depoimentos, apontam que era uma “infância simples e saudável”, “divertida e engraçada”.

Essa volta à infância, relatada pelos familiares, aproximou as duas gerações que convivem e, por vezes, pouco se conhecem. Keiviane Lopes, mãe de João Lucas Lopes, de 12 anos, aluno do 6º A, diz que foi “muito produtivo e divertido”. Segundo ela, “houve curiosidades por parte dele sobre como brincávamos na infância e nesse momento desfrutamos de uma conversa muito divertida e engraçada”. Yasmin Galdino do Carmo Silva, 10 anos, aluna do 6º A, afirma que a entrevista foi um meio de unir a família e ressaltou que “pude perceber que as brincadeiras de antes são bem diferentes das de hoje em dia, parecia ser mais divertida e também foi bem divertido fazer a entrevista”. José Aluísio Martins Gomes, pai de João Miguel Lima Martins, de 11 anos, aluno do 6º A, conta que sempre fala para seu filho

“que antigamente as crianças brincavam mais umas com as outras pois não existia a tecnologia, eu mesmo procuro sempre ensinar a ele as brincadeiras de antigamente como: pipa, pião, bila, carrinho de lata e etc, para que ele passa ver como era uma infância simples e saudável”.

A aluna Hortência Marques da Silva, 11 anos, 6º A, destacou o momento no qual brincou de ser repórter dizendo que “é muito legal descobrir sobre as coisas que os seus pais fizeram quando eram crianças”. Já Laércio Azevedo Silva, 11 anos, 6º B, percebeu-se distante da própria família, ainda que convivendo no mesmo espaço, relatando: “eu não sabia coisas

peçoais dos meus pais”. Derick Tiago de Sousa Mendes, 11 anos, 6º A, percebeu que “por mais que a pessoa fosse uma adulta séria, já foi uma pessoa descontraída e alegre constantemente”. Essa fala pontua que este aluno, em especial, mas também outros pré-adolescentes, podem já estar adquirindo uma postura de um mundo adulto pela convivência em seu meio, assumindo precocemente que a infância já passou. Há inclusive, entre eles, os que assumem funções dentro de casa, desde muito cedo, porque seus pais trabalham e é preciso alguém para cuidar dos irmãos, arrumar a casa e fazer comida. Compromissos que comprometem a participação em atividades no contraturno escolar.

O aluno Paulo Levi Albuquerque de Oliveira, 11 anos, 6º B, observa, ainda, que “as brincadeiras mudaram de acordo com o tempo”. Segundo Ana Helen Maciel de Sousa, 12 anos, 6º A: “conheci mais sobre minha família”. Em sua fala ficou evidente que o projeto teve impacto no diálogo e na convivência familiar, inclusive a aluna diz que chegou a conhecer mais a fase infantil de seus pais. Maria Luísa Victor Gonçalves, 11 anos, 6º A, líder de sala pelo seu protagonismo estudantil, logo que recebeu a orientação para brincar de ser repórter percebeu a naturalidade de ser criança de sua entrevistada, a mãe, destacando “que eles aproveitaram a sua infância e tiveram experiências incríveis”, passando, assim, a descobrir formas e brincadeiras lúdicas realizadas há tempos. Segundo ela, “tem vezes que esquecemos de viver a nossa infância, e foi uma experiência incrível brincar novamente”.

Rafaelly dos Santos Alexandre, 11 anos, 6º A, relatou que conheceu “mais brincadeiras e bem divertidas, além das brincadeiras dessa nossa geração atual”. Sua mãe, Roberta Rejane dos Santos, diz que “antigamente a gente brincava de corda, carimba, brincadeiras que em hoje em dia praticamente não existe mais (*sic*)”. Impressão semelhante à de Vera Lúcia Dantas de Santana, avó de Ana Clara de Santana, 12 anos, 6º C, para quem o projeto foi “muito bom porque podemos se aproximar de nossos filhos mais (*sic*)”, e compara: “as antigas eram mais legais do que as atuais, mais hoje em dia poucas crianças brincam”. Maria Lucineide Souza Rocha, mãe de Francisca Mikaely de Araújo Rocha, 11 anos, 6º A, lembra ainda da geração dos avós de sua filha, ponderando que nos dias de hoje “não se pode brincar na rua com os colegas, não é como no passado que meus pais falam que brincavam até tarde”, lamentando o fato de que as ruas se tornaram perigosas para seus filhos.

Outras entrevistas também fortalecem esse sentimento de que as brincadeiras de “antigamente” são diferentes, ou que a violência nas ruas tirou das crianças um espaço para brincar e socializar. No entanto, é possível ver na escola a prática de brincadeiras como as ilustradas por Renan Gomes, 12 anos, 6º A.



ista do aluno Renan

Fonte: Acervo pessoal.

Diante desses depoimentos, percebi que houve um impacto no contexto familiar, aproximando e conectando gerações, fortalecendo o elo dos alunos com sua ancestralidade, trazendo descobertas sobre o modo de brincar de outros tempos, bem como gerando um ambiente de trocas de experiências e informações na escola, não só na nossa sala de aula, como também com outros professores e alunos⁷. Nessa etapa de entrevistas todos os alunos participaram ativamente e se mostraram bastante motivados e envolvidos. Foi um momento no qual percebi a alegria dos alunos, o que reforça o título do projeto: brincar é uma felicidade.

O **segundo momento** do projeto foi construído a partir da composição coreográfica dos brinquedos cantados propostos por mim, utilizando o CD “Ispinho e Fulô” do grupo de projeção folclórica MiraIra. Foi realizada a escolha do repertório e, em seguida, fizemos os ensaios fora da sala de aula, ora usando o pátio, ora embaixo de uma árvore ou em um espaço ao ar livre, uma vez que a escola não disponibiliza uma sala específica para atividades de artes, sem cadeiras e carteiras. Neste momento, houve a aprendizagem das músicas e das sequências coreográficas, durante os meses de agosto e setembro de 2022. As habilidades estudadas foram a expressão corporal, o trabalho em grupo, a percepção rítmica, além da reflexão, por parte dos

⁷ Vídeo da aluna Agatha Nogueira Soares, 12 anos, 6º A, no momento da entrevista, em que brinca com seus familiares: https://www.youtube.com/shorts/IZ8_EIXxk5g.

alunos, sobre o valor da brincadeira e da socialização. Tal ação culminou com uma apresentação para toda comunidade escolar, com a participação dos pais e familiares, no sábado do dia 17 de setembro de 2022, na qual havia danças ensaiadas no contexto do projeto *Brincar é uma felicidade* e que compuseram a programação da III Feira Folclórica Rachel de Queiroz.



Fonte: Acervo pessoal.

Esta etapa se colocou na contramão do modelo de corpo aspirado pelo ensino tradicional, cuja imobilidade muitas vezes é sinônimo de uma educação adequada, em que este corpo inerte é motivo de premiação em contrapartida à sede dos alunos de movimentar-se, mas que poderá levar à punição. No livro *A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola*, a artista e educadora Márcia Strazzacappa (2001) faz uma abordagem sobre o corpo e o espaço escolar. A autora ressalta que o movimento é a base da comunicação que possibilita a interação e a compreensão entre as pessoas em seu convívio. Meu corpo de artista e de docente sempre buscou a relação entre os corpos, o que me motivou a pensar de que forma eu poderia contribuir para modificar essa visão tradicional de ensino que silencia e torna invisíveis a expressão corporal dos alunos. A ideia da segunda etapa do projeto era despertar nos alunos o reconhecimento de que, em cada um, há um corpo brincante que pode ser canal de comunicação com outros corpos.

Na apresentação feita na escola, eu introduzi a nossa participação dizendo os seguintes versos: “Brincar é uma felicidade / Essa felicidade não é apenas da alma, é do corpo também / Acreditamos na triplicidade do ser humano: alma, corpo e mente / E foi assim que

nasceu o folclore infantil / Da necessidade de recriar-se⁸ / Das crianças e do povo”. A seguir, ao som de uma música feita da coletânea de diversos brinquedos cantados, um *pot-pourri*, em que os alunos iniciaram brincando de amarelinha, pular corda, “cê, cerê, cecê” e, a seguir, fizeram as cirandas, oras separadas por gênero (meninas e meninos) e em outras com todos juntos, passeando por diversos tipos de brinquedos cantados. Ao final dessa composição coreográfica, os alunos assumem posturas corporais inspiradas em bonecos, como os de pano e os robôs.

A aluna Yasmin Galdino do Carmo Silva, 10 anos, 6º A, fez o papel de uma viuvinha e, no decorrer da coreografia com o trecho musical “Senhora dona Sancha, coberta de ouro e prata, descubra o seu rosto que queremos ver a cara”, ela ficava ao centro da roda enquanto os colegas circulavam à sua volta. Segundo Yasmin, essa brincadeira aproximou os colegas e, acrescenta, que as aulas realizadas fora da sala eram mais divertidas. Hortência Marques da Silva, 11 anos, 6º A, destaca que a etapa da elaboração da coreografia era um dos “momentos legais”, “quando todos ficavam em fileiras para dançar uma parte da música”. Neste momento, os alunos faziam performances adquirindo postura de bonecos, a partir do trecho da música “ha ha ha minha machadinha, quem te pôs a mão, sabendo que és minha, pula machadinha para o meio da rua”. Os movimentos eram todos criados por eles, nesse momento. Após essa experiência, Hortência verbalizou sua preferência pelas brincadeiras populares.

O aluno Laércio Azevedo Silva, 11 anos, 6º B, diz que não encontrou dificuldades na coreografia, inclusive relatando a magia diante da narrativa das cantigas dos brinquedos cantados, por oportunizá-los a serem reis e rainhas. O aluno Ismael Kelven dos Santos, 11 anos, 6º A, ficou surpreso ao se perceber com um corpo brincante, redescobrimo, através da corporeidade, seus movimentos e suas possibilidades diante de ritmos das brincadeiras de roda. Ele destaca momentos marcantes: “quando faziam várias filas separadas, aí depois juntava todo mundo fazendo uma roda, aí a gente dançava dentro dela e todo mundo se divertia”.

Paulo Levi Albuquerque de Oliveira, 11 anos, 6º B, também relata que não teve dificuldade de aprender as coreografias, ainda mais que as brincadeiras populares são “mais divertidas do que ficar no celular”. Percebi uma atuação vibrante da aluna Rafaelly dos Santos Alexandre, 12 anos, 6º A, especialmente, quando ela aponta o momento que mais gostou que foi “a parte da roda, a menina no meio com o menino e a parte da dança dos esqueletos”. A aluna destaca que a personagem vai ao centro da roda e escolhe um garoto, conforme a música: “Oh, Mariazinha, Oh, Mariazinha, entra nesta roda, ou ficarás sozinha! Sozinha eu não fico

⁸ A palavra “recriar-se” foi usada no sentido da recreação, da ludicidade.

nem hei de ficar! Porque eu tenho Joãozinho para ser o meu par!”. Para eles de modo geral, este momento sugere a constituição de grupos que namoram e vivem romances, curiosidade que já existe nessa faixa etária.



Fonte: Acervo pessoal.

Já Ana Helen Maciel de Sousa, 12 anos, 6º A, mostrou-se encantada pelas brincadeiras populares, apropriando-se rapidamente dos movimentos das coreografias, em seu corpo e nos desenhos espaciais das cirandas, bem como decorando, com facilidade, as respectivas letras das músicas dos brinquedos cantados. Com isso, a aluna também criou gestos e interagiu de maneira colaborativa com os colegas, sempre cantando e mostrando-se feliz e interessada em apresentar nossa composição coreográfica, participando assiduamente de todas as etapas do projeto.

Portanto, nesse momento, percebi que no chão da escola existem e resistem corpos que se movimentam, brincam e são capazes de aprender, inventar, interagir de maneira colaborativa e inventiva. Possibilitar uma mudança de ambiente, oposto às salas com cadeiras e corpos enfileirados, permitiu que os estudantes dessem vazão para seus movimentos e para que conseguissem expressar seus desejos e reinventar uma relação com o modo de aprender certos conteúdos estudados na escola, pois acolhi, no projeto, diferentes tipos de temperamento e comportamento. Nas atividades propostas, os alunos inquietos em outras aulas, nas quais ficam prioritariamente parados, foram, por mim, considerados ativos e envolvidos diante da *abordagem do corpo brincante*. Minha militância, com este projeto, tem sido proporcionar que

o ambiente escolar seja um lugar prazeroso, de acolhida, de escuta e, principalmente, que os professores possam criar outros modos de aproximar os alunos dos saberes que são ensinados em sala de aula.

Figura 4 - Professor declamando o texto “brincar é uma felicidade”



Fonte: Acervo pessoal.

O **terceiro momento** também estimulou a convivência entre familiares, assim como o trabalho de campo realizado na primeira etapa, com as entrevistas. Desta vez, os alunos buscaram, junto a seus responsáveis, ajuda para a confecção de brinquedos, no caso arraias e bruxinhas. Esse momento teve início com uma aula explicativa acerca da tradição destes brinquedos na cultura popular e foram mostradas imagens, para que os alunos pudessem visualizar como eram as arraias e bruxinhas antigamente. Nesta etapa, sugeri, ainda, um diálogo da disciplina de Artes com outras, a exemplo da Matemática, em que passamos a pensar sobre figuras geométricas a partir do formato do esqueleto das arraias; e com as aulas de Ciências, no que se refere às partes do corpo humano, especialmente na elaboração da bruxinha (boneca de pano).

Figura 5 - Confeção de arraias



Fonte: Acervo pessoal.

Em virtude das limitações de tempo da programação escolar, onde se faz necessário atender o horário da aula de Artes sem causar prejuízo ao professor da aula seguinte, foi estabelecido um acordo para que os alunos pudessem produzir os esqueletos da arraia e as bruxinhas em casa, com a ajuda de seus pais ou responsáveis. Assim, solicitei, aos alunos, a coleta de materiais necessários para a confecção, como papéis coloridos, tesouras, canetas, cola, barbantes e outros objetos que julgassem necessários. A turma foi dividida em equipes de meninos (arraias) e meninas (bruxinhas) para a confecção dos brinquedos, mas, durante as brincadeiras subsequentes, tiveram liberdade de escolher seus pares, independente de gênero, como forma de promover a interação e todos se divertissem e aprendessem juntos.



Fonte: Acervo pessoal.

No ato da confecção, os alunos que mostraram autonomia e habilidade em fazer seu próprio brinquedo foram designados a serem monitores e, assim, colaborarem com os colegas com dificuldades e com os que não tiveram ajuda na preparação inicial do brinquedo em casa. Os alunos foram incentivados a trabalhar livremente na confecção das arraias e bruxinhas, sendo estimulados a criarem e a explorarem cores e formas. Por fim, foi realizada uma roda de conversa com os alunos para que pudessem compartilhar o que criaram e trocar ideias. Esta etapa incentivou a criatividade, a participação familiar e o senso de responsabilidade dos estudantes em relação ao próprio processo de aprendizado.

Figura 7 - Monitoria: autonomia e colaboração



Fonte: Acervo pessoal.

O aluno Derick Tiago de Sousa Mendes, 11 anos, 6º A, trouxe uma consciência ambiental sugerindo, em uma das respostas do questionário, que gostaria de fazer brinquedos reciclando garrafas plásticas. A aluna Ana Clara de Santana, 12 anos, 6º C, percebeu que uma atividade pode conectar diversos saberes. “Aprendi que podemos saber sobre muitos conhecimentos, sobre a arte e dança ou artesanatos (brinquedos) feitos a mão”, diz. Maria Luísa Victor Gonçalves, 11 anos, 6º A, relata que recebeu ajuda de seus familiares para confecção da sua bruxinha e prometeu guardá-la por muito tempo. Da mesma maneira que ela, diversos alunos demonstraram ter criado um vínculo afetivo mais fortalecido com seus familiares, pois

aprenderam a costurar ou realizar tarefas em que podem dizer “fiz com minha avó, com meu pai, com minha mãe”, expressando orgulho por esse saber oral se materializar em um brinquedo no tempo presente.

O **quarto e último momento** consistiu em um trabalho de reflexão sobre duas realidades distintas do brincar: a do universo das brincadeiras populares e a dos jogos tecnológicos, chamados, pelos alunos, de eletrônicos. É certo que os aparelhos e jogos eletrônicos têm se tornado cada vez mais populares entre crianças e jovens de todo o mundo, sendo fácil se deixar seduzir pela diversão e pelos desafios que estes dispositivos proporcionam e, conseqüentemente, perceber que se desligam da realidade e das obrigações. No entanto, é possível fazer dessas plataformas tecnológicas uma ferramenta valiosa para a aprendizagem e

o entr
envol



partes

Fonte: Acervo pessoal.

Considerando que a tecnologia é um fato em nossas vidas, sobretudo presente no cotidiano das gerações mais recentes, mostra-se determinante aprendermos a conviver com ela, ao invés de fugirmos. Por esta razão, a reflexão proposta foi conduzida a partir de uma atividade prática utilizando o aparelho celular, que é de fácil manuseio e acessibilidade. Com vista nesta conscientização, a quarta ação do projeto *Brincar é uma felicidade* incidiu sobre o ambiente escolar e os estudantes, onde se realizou um momento monitorado com jogo de livre escolha no celular.

Solicitei autorização dos responsáveis, mediante comunicado informando sobre a atividade específica proposta, seus objetivos, tempo de uso e regras de convivência adotadas.

Quanto à disponibilidade do celular, aos alunos que não dispusessem de um, poderiam utilizar um aparelho eletrônico do acervo da escola. No ato da aplicação da atividade foram esclarecidas as regras de convivência para o uso destes aparelhos, como manter o volume baixo, utilizar fones de ouvido e não acessar sites ou aplicativos que não estivessem relacionados à atividade. O monitoramento foi contínuo durante todo o processo, orientando os alunos, quando necessário, e garantindo a segurança e o bem-estar de todos, durante o período de 50 minutos, correspondente às ações do projeto, em o



Fonte: Acervo pessoal.

A atividade foi encerrada com uma discussão em turma, sobre o que foi vivenciado e como os aparelhos eletrônicos foram utilizados para enriquecer o diálogo e a reflexão acerca de diversas formas de brincar com o outro. Nessa conversa, as falas dos alunos se entrelaçaram. Em comum, mesmo sem conversar antes sobre o tema, apontaram diversas consequências que a rotina causa em quem ocupa seu tempo integralmente direcionado aos jogos e brincadeiras diante um aparelho celular ou outros dispositivos. Dentre elas, foi quase um unísono citarem a obesidade em crianças e adolescentes, algo que em outras gerações era raro. Afinal, reconhecem que têm passado longo tempo do dia parados diante de uma tela. Destacam que até mesmo na hora das refeições o aparelho está sempre ao lado.

Com isso, seguem ponderando que, dessa forma, não têm possibilidades de se colocarem em movimento, conseqüentemente, não conseguem extravasar energias e já sentem dificuldades de locomoção, relatando que caem com facilidade e se reconhecem como pessoas

individualistas, vendo apenas o próprio mundo, por praticamente não interagirem com o ambiente ao redor, focando suas atenções para o mundo virtual. Em contraposição às brincadeiras eletrônicas estão as brincadeiras populares e nestas eles dizem que ora se juntam, ora se separam, os corpos suam e estão em constante movimento. Já com os jogos eletrônicos, eles se conectam, mas sentem que, mesmo estando próximos, acabam por se comportar como se estivessem fisicamente e espacialmente distantes.

Aplicar esta atividade depois de toda vivência oportunizada nas outras ações provocou um grande impacto entre os estudantes, que puderam sentir a diferença entre o universo das brincadeiras populares e o ambiente virtual dos jogos eletrônicos. Depois disso, entre uma proposta de atividades virtuais e as brincadeiras populares, a segunda tem sido a preferida na escola. Os familiares também foram impactados pelo projeto, pois reconhecem que eles próprios incentivam os filhos a usarem os dispositivos eletrônicos para se distrair em casa. Depois do projeto *Brincar é uma felicidade* alguns passaram a buscar seus filhos na saída da escola para aumentar o tempo de convivência presencial com eles.

Promover uma reflexão sobre este tema também foi uma forma de colaborar com a luta dos pais de conscientizar seus filhos quanto ao uso de aparelhos eletrônicos, como pude constatar nas entrevistas de Vanderlene Pereira de Sousa Mendes, mãe de Derick Tiago de Sousa Mendes, 11 anos, 6º A, onde ela comenta que “antes brincávamos com brinquedos comuns, e hoje utilizam brinquedos eletrônicos, e antes precisávamos de pouco para se divertir, apenas de um amiguinho (*sic*)” e Ana Carla Silva Conrado, mãe da aluna Ana Clarice Silva Maciel, 11 anos do 6º A, no qual relatou que, “sempre converso com ela que ela deve brincar (*sic*), ser criança e não ficar só em frente às telas. E que isso (o brincar enquanto se é criança) contribui muito para seu desenvolvimento futuramente”.

2.2 Vamos todos cirandar, volta e meia vamos dar: reverberações do brincar

Brincar é uma felicidade reuniu, num único projeto, experiências, fazeres, sensibilidades e impressões de múltiplos corpos. Um trabalho coletivo, assim como se dão as cirandas e as brincadeiras populares e, por consequência, é como se formam os corpos brincantes. Para sistematizar a *abordagem do corpo brincante*, entre os instrumentos metodológicos de coleta de dados utilizei um diário de campo onde foram descritas, de forma minuciosa, as minhas impressões e certas situações marcantes ao longo das etapas do projeto; também fiz momentos de partilhas, com conversas em roda, em sala de aula, para a socialização das percepções que os alunos tinham após realizarem as atividades - cujas falas foram apresentadas acima; e, por fim, apliquei entrevistas, através de formulário eletrônico, com

questões respondidas por alunos, familiares, professores e gestores da escola, parte delas também apresentadas no decorrer da descrição do projeto.

A metodologia utilizada para a análise de dados deste projeto é a análise de conteúdo de Bardin, no qual a define como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

A análise de conteúdo das respostas dos **alunos** nos envolve numa atmosfera poética, onde os sentimentos de conexão, afeto e pertencimento transbordam em cada palavra compartilhada por eles. A maioria dos alunos afirmou que a primeira atividade, na qual foram “repórteres por um dia”, os aproximou de suas famílias, indicando uma experiência significativa de união familiar, onde o diálogo e o compartilhamento de histórias foram capazes de fortalecer os laços afetivos e ampliar os repertórios corporais e culturais de ambos.

A atividade proporcionou uma variedade de descobertas e reflexões fascinantes, expressas pelos alunos: o quanto seus pais ou responsáveis aproveitaram a infância e tiveram experiências incríveis; a diferença entre as brincadeiras antigas e as brincadeiras de hoje, a descoberta de informações desconhecidas sobre seus entrevistados, revelando uma nova camada de conexão e entendimento dentro da própria família. Essa análise revela um encantamento diante das memórias compartilhadas, despertando nos alunos uma valorização do tempo de brincadeira e a importância de vivenciar momentos de diversão e alegria com os familiares, colocando seus corpos em movimento e em relação presencial.

Acredito que a primeira atividade também contribuiu para envolver a família em todo o processo do projeto, pois a grande maioria dos alunos responderam que receberam ajuda de seus entrevistados na confecção das arraias ou bruxinhas (terceiro momento). Foi uma proporção expressiva e fundamental, que impactou no desenvolvimento do projeto *Brincar é uma felicidade*. Por outro lado, os alunos que não receberam ajuda de seus familiares nos lembram que nem todos tiveram a mesma oportunidade e isso pode ser influenciado por diversos fatores, como disponibilidade de tempo, recursos materiais ou até mesmo pela autonomia desejada por certos alunos que, por conta própria, dispensaram essa ajuda, por conseguirem realizar a tarefa, e, por isso, se dispuseram a colaborar com outros colegas.

O trabalho realizado na etapa da composição coreográfica (segundo momento) atingiu todos os seus objetivos. Embora alguns alunos tenham apresentado dificuldades de memorizar sequências das cirandas e dos brinquedos cantados, a maioria relatou que achou fácil aprender as músicas e as danças. O processo revelou a habilidade deles em assimilar e executar os movimentos coreográficos propostos e, também, de se envolverem na criação de gestualidades para os bonecos e robôs propostas, por eles, na cena final da coreografia apresentada na escola. A cumplicidade, nesta etapa, permitiu que os alunos se sentissem confiantes e preparados para essa apresentação, tornando o processo de aprendizado uma experiência prazerosa e enriquecedora.

A atividade também proporcionou diferentes momentos que despertaram a atenção e o encantamento dos alunos como: os movimentos sincronizados; a conexão entre os colegas, como quando todos seguravam as mãos e giravam juntos; e o dançar em círculo, mostrando a alegria de partilhar a corporeidade em conjunto. Quanto àqueles que afirmaram ter sido difícil aprender a coreografia, isso estava relacionado, em parte, à uma coordenação motora pouco desenvolvida e à dificuldade em memorizar passos que podem ser atribuídos ao excesso de uso de dispositivos eletrônicos, a não terem sido estimulados ritmicamente ou por residirem em espaços pequenos e não poderem brincar livremente em outros espaços mais amplos. No entanto, é importante destacar que mesmo diante dessas dificuldades, os alunos se dedicaram e participaram da atividade, demonstrando coragem e persistência.

Sobre a experiência com aparelho eletrônico (quarto momento), foi possível observar que alguns alunos levaram seus próprios celulares, enquanto outros optaram por usar os aparelhos disponibilizados pela escola, seja por não possuírem um celular ou por esquecimento. Isso indica que, mesmo diante da popularidade desses dispositivos, nem todos os alunos podem tê-los. Também foi possível despertar uma importante reflexão sobre as diferenças entre os jogos eletrônicos e as brincadeiras populares: a maioria dos alunos responderam que, nas aulas em que focamos em tais brincadeiras, se sentiram mais próximos uns dos outros.

Essa constatação pode ser atribuída ao fato de que nas brincadeiras populares todos os alunos puderam interagir de forma direta, compartilhando risadas, brincadeiras e conversas. É interessante notar que algumas respostas indicaram que não houve uma aula específica que tenha se destacado como a mais integradora. Isso pode sugerir que os alunos já possuíam um bom relacionamento e amizade entre si, independentemente da atividade realizada. Essa proximidade pré-existente pode ter contribuído para que todos os momentos de brincadeira e interação fossem igualmente significativos.

No intuito de averiguar a preferência dos estudantes, após a experiência com brincadeiras populares e jogos eletrônicos, foi perguntado a eles a melhor forma de distribuí-las no tempo de aula. A maioria dos alunos expressou o desejo de ter uma quantidade igual de aulas para cada uma dessas atividades, evidenciando a busca por um equilíbrio entre essas duas formas de diversão. Essa distribuição equitativa reflete o entendimento de que os dois tipos de atividades têm seu valor e podem contribuir para o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos.

Em outras respostas, há alunos que optam por duas aulas de brincadeiras populares e quatro aulas de jogos eletrônicos, ou vice-versa. Essas escolhas revelam as diferentes preferências e os interesses dos alunos, reconhecendo que nem todos possuem as mesmas afinidades em relação às atividades lúdicas. A presença ou a ausência de celulares durante as brincadeiras não define a experiência como boa ou ruim, mas, sim, a forma como os alunos aproveitam o momento. Parece importante encontrar um equilíbrio entre brincadeiras populares e o uso de dispositivos eletrônicos, seja na escola, seja na rotina diária.

Consciente da importância do envolvimento da **família** na aplicação do projeto *Brincar é uma felicidade*, foram elaboradas atividades que buscavam conectar e fortalecer os laços entre família, escola e aluno. A maioria dos responsáveis afirmaram que a atividade gerou diálogo e proximidade com os filhos. O envolvimento com a pesquisa foi descrito como produtivo e positivo, ajudando no desenvolvimento das brincadeiras dos estudantes no projeto. A alegria e o entusiasmo dos filhos foram ressaltados por alguns pais, assim como o valor dessa vivência, onde puderam passar adiante suas próprias brincadeiras e, ao mesmo tempo, serem entrevistados pelos pré-adolescentes, reforçando a importância de ouvir e de valorizar as histórias de cada um, demonstrando a necessidade da revitalização das brincadeiras antigas e do diálogo intergeracional. As respostas dos pais e responsáveis pelos alunos descrevem o projeto como algo único e transformador e mostrou o alcance da proposta no que diz respeito ao restabelecimento de laços através do diálogo e das brincadeiras.

A maioria dos **professores** afirmou ter conhecimento pleno do projeto *Brincar é uma felicidade*, o que indica que a EMEIEF Rachel de Queiroz divulgou e envolveu seus educadores nessa iniciativa, demonstrando um compromisso com a valorização do brincar e da arte no processo educativo. Uma parcela menor dos educadores respondeu que teve conhecimento parcial sobre o projeto, o que pode refletir uma falta de engajamento ou interesse, mas também ser resultado de diferentes níveis de envolvimento e acesso ao projeto.

Acerca da motivação dos alunos que participaram do projeto, a maioria dos educadores afirmaram que estavam significativamente mais motivados, alegres e empenhados.

Ângela Maria Brito Alves, coordenadora do contraturno, acredita que a brincadeira possa colaborar na aprendizagem das crianças. O diretor da escola, Emanuel Andrade Leite, afirma que “a partir do brincar, a criança se desvincilha das obrigatoriedades tão comuns no ambiente escolar, tornando sua aprendizagem mais prazerosa e significativa”. Para Cheila Borges, coordenadora pedagógica, “a sociabilidade das brincadeiras promove o desenvolvimento de habilidades cognitivas e permite aos pré-adolescentes construir um saber mais conscientes nos ambientes que estão inseridos”. A professora Neiriana Lima, monitora de teatro e dança, relata que a brincadeira torna mais fácil o aprendizado, “pois (os alunos) ficam mais à vontade com aulas dinâmicas, sem julgamentos, e sentem-se mais seguros para aplicar tais aprendizados em outras áreas”.

Portanto, todos os educadores da EMEIEF Rachel de Queiroz concordam que a brincadeira colabora na aprendizagem dos estudantes. Destaco a fala da professora de matemática, Lene Maia: “Podemos usar a brincadeira para cálculos. O comportamento dos estudantes reflete a convivência familiar, então orientar o aluno utilizando o brincar traz um ambiente mais leve e facilita a transmissão dos conteúdos”. Percepção semelhante à professora de educação física, Francisca Fabiana Silva Lima, para quem o brincar possui significado para além do lúdico:

“Podemos observar o poder do "brincar" no comportamento dos alunos, sendo esse momento propício para que o educando demonstre suas emoções, dessa forma abrindo espaço para o professor, por meio do lúdico, conhecer melhor esse aluno e assim poder contribuir na construção de seus aspectos afetivos e emocionais, impactando no convívio escolar e familiar. Nesta perspectiva percebemos o quanto se torna importante e valiosa essa oportunidade proporcionada ao educando de experimentar os conhecimentos adquiridos pela cultura corporal”.

Nas palavras da professora de língua portuguesa, Djaila Maria da Silva Cordeiro, “o resgate dessas brincadeiras proporciona inúmeros benefícios, tanto no desenvolvimento físico, quanto na linguagem e na percepção, ou seja, contribuíram para o desenvolvimento intelectual”. A professora destaca ainda que:

“Todos os alunos envolvidos no PROJETO BRINCAR É UMA FELICIDADE, estavam sempre entusiasmados, centrados e disciplinados com as aulas do professor Ferreira. Eram momentos contagiantes e de muita aprendizagem para todos os alunos envolvidos no projeto, pois todos tiveram a oportunidade de conhecer e vivenciar novas experiências, além de uma reflexão empática de como brincavam as crianças de outrora”.

Esses relatos e constatações demonstram o reconhecimento da equipe pedagógica

quanto ao potencial da brincadeira como uma ferramenta eficaz na promoção da aprendizagem. Eles compreendem que, por meio do brincar, os educandos têm a oportunidade de explorar, experimentar, descobrir e construir conhecimentos de forma lúdica e prazerosa. Nesse contexto, os educadores reconhecem a importância de proporcionar um ambiente escolar que valorize e incentive a ludicidade, integrando o estudante ao processo pedagógico, contribuindo para seu desenvolvimento emocional, social e cognitivo, bem como para a construção de uma aprendizagem significativa.

A análise de conteúdo realizada constatou o impacto positivo do projeto *Brincar é uma felicidade*, indicando que a *abordagem do corpo brincante* contribui para o engajamento e desenvolvimento dos alunos, melhorando, assim, o índice de evasão, o relacionamento e a convivência deles dentro e fora da sala de aula, o interesse pelas tarefas escolares e colabora, efetivamente, com a formação de cidadãos críticos e transformadores de sua própria realidade. Apresentou, ainda, impacto na prática pedagógica, mostrando-se como fonte de inspiração e estímulo à criatividade e à busca pelo engajamento e envolvimento dos alunos. Para além do que se esperava, a análise revelou efeitos significativos na relação família/aluno/escola.

3 CORPOS BRINCANTES: AUTONOMIA E ANCESTRALIDADE MUDANDO REALIDADES

A concepção da *abordagem do corpo brincante* que venho elaborando, junto aos alunos da EMEIEF Rachel de Queiroz, está atravessada dos parâmetros conceituais de três autores: Paulo Freire, com seus escritos em torno da pedagogia do oprimido e da autonomia e o foco na ação e reflexão por meio da *práxis*; Isabel Marques, com a proposta de uma arte que se articule com o contexto dos alunos; e Inaicyr Falcão dos Santos, por acreditar que a conexão com a ancestralidade é um caminho pedagógico no sentido de tornar o mundo mais significativo para os alunos, pelo reconhecimento de suas inscrições corporais e, nelas, seus traços culturais.

Do pensamento do educador Paulo Freire, trago a noção da pedagogia do oprimido, onde se faz necessário inverter a lógica da educação tradicional, para transformar a ordem social que se constitui entre opressores e oprimidos. Uma hierarquia alimentada, ainda hoje, em vários aspectos na sala de aula, tais como a distinção e separação entre conhecimento científico e o popular; e o *status* do professor como detentor de um conhecimento a ser depositado no aluno, considerado desprovido deste, competindo a essa figura de autoridade o ato de educar, atuar e disciplinar.

Desconstruir esta realidade implica estabelecer uma prática pedagógica que valorize as minorias, ou seja, os alunos que não se enquadram no perfil desejado em uma

educação tradicional, que considera, por exemplo, alunos inquietos como indisciplinados e que, por vezes, não se dão conta de que os calados podem não estar aprendendo, pois têm medo de se expor e de se expressar. Implica, ainda, em abordar temas que proporcionem o desenvolvimento do indivíduo como sujeito livre para pensar, ser e sentir. Nesse sentido, a *abordagem do corpo brincante* se pretende “humanista e libertadora”, por meio dos saberes artísticos, a fim de possibilitar ao educando o protagonismo necessário para autonomia, de forma que a abordagem que proponho na aula de Artes se inspira no processo estabelecido por Paulo Freire:

[...] primeiro, [...] os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. Em qualquer destes momentos, será sempre a ação profunda, através da qual se enfrentará, culturalmente, a cultura da dominação (FREIRE, 1987, p. 27).

Ainda segundo o educador Paulo Freire, na obra *Pedagogia da autonomia, saberes necessários à prática educativa* (2019, p. 58), o “respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”. Acredito que a combinação da proposta da pedagogia da autonomia com a *abordagem do corpo brincante* produziu resultados notáveis em minha prática pedagógica. Isto porque a análise de dados mostrou que os alunos se tornaram aprendizes ativos, críticos e confiantes, capazes de explorar o mundo através de seus corpos, de maneira criativa e autônoma. Também se tornaram mais colaborativos e propositivos, mais concentrados em suas atividades, mais presentes na realidade da escola e de suas casas.

A partir da aplicação desta abordagem foi possível averiguar as mudanças apontadas por Paulo Freire quanto ao engajamento e ao desenvolvimento dos estudantes, colocando-os como protagonistas do processo educacional. Outro resultado notável foi o aumento da confiança e da autoestima dos alunos que participaram do projeto, pois, ao explorar seus corpos e suas capacidades físicas de maneira criativa e desafiadora, desenvolveram uma maior confiança em suas próprias habilidades, aprenderam a tomar decisões, a definir metas e a resolver problemas de forma independente; tudo isso enquanto se divertiam e se moviam.

A *abordagem do corpo brincante* adota, ainda, a perspectiva de Isabel Marques que enfatiza a importância de reconhecer o corpo como um veículo de expressão e conhecimento. Para a autora, é no corpo e com o corpo que “[...] a linguagem é construída, desconstruída, reconstruída, criada e recriada. O corpo cênico tem o potencial criador, criativo e construtor da

linguagem artística, ele compõe e transforma as relações estéticas” (2012, p. 35). Além disso, enfatiza a importância do espaço onde este corpo atua, não podendo “[...] ser tratado meramente como uma questão técnica [...] desprovidos de sentidos” (MARQUES, 2012, p. 107).

Com base na autora, tanto os corpos quanto os espaços/contextos adquiriram significados que ultrapassaram seu sentido e usos funcionais, tanto no ambiente escolar quanto no familiar. É com este direcionamento que busco fazer da sala de aula um terreiro de brincadeiras, seja do reisado, de rodas de cirandas, nas construções de brinquedos e na criação de gestualidades. O que proponho são atividades que façam do corpo brincante não só um corpo que dança, mas um corpo capaz de se tornar um portal entre passado e futuro, através das entrevistas e brinquedos cantados, e que, por meio do brincar, esse corpo se conecte com outras referências históricas, culturais e de si mesmo na interação com o seu torno.

A conexão com a ancestralidade desempenha um papel crucial na *abordagem do corpo brincante*, estando compreendida como uma ponte entre o saber de gerações mais antigas em diálogos com as brincadeiras nos dias de hoje. Segundo Inaicyrá Falcão dos Santos, “todas as formas de arte (canto, dança e música) na tradição africana possuem o mesmo processo de aprendizagem, ou seja, um processo iniciático que ocorre desde a infância, imitando-se os mais velhos” (2006, p. 70).

Por isso, no processo de trocas e de transmissão das brincadeiras e dos saberes populares junto aos ancestrais imediatos possibilitou aos alunos o estreitamento dos laços afetivos em casa e na própria escola, entre os pré-adolescentes e entre estes e os adultos. Este processo foi proposto e vivenciado, especialmente, na atividade dos brinquedos cantados, desde o momento da brincadeira de ser repórter aos ensaios, com as danças e cirandas inseridas na composição coreográficas dos brinquedos cantados.

Quando reconhecemos e celebramos nossa herança ancestral, estamos honrando as lições e os conhecimentos que foram transmitidos ao longo das gerações e os laços afetivos e os tipos de relações propiciados e que podem seguir efetivando-se no tempo presente. É uma forma de manter viva nossas histórias passadas e de colaborar para que os alunos tenham contato e possam valorizar as expressões orais e corporais de suas famílias, no seu bairro e no seu entorno, contextualizando esses saberes na sua trajetória de vida, alimentando isso de maneira lúdica. Afinal, a *abordagem do corpo brincante* não é apenas uma jornada pessoal. Na medida em que, no projeto *Brincar é uma felicidade*, nos conectamos mais profundamente com a autonomia e a ancestralidade do corpo, percebo que recriamos não apenas a nossa própria realidade, mas também influenciemos o mundo ao nosso redor com mais leveza, imaginação e inventividade.

4 CANTO DE DESPEDIDA

O elo construído neste trabalho pôde ser sentido no dia a dia, nos gestos e nas palavras de todos que, de alguma forma, se envolveram com esta proposta, como por exemplo Claudiana do Nascimento, mãe da aluna Ana Erika do Nascimento Freire, 13 anos, do 8º ano, que vivenciou a *abordagem do corpo brincante* dois anos antes, em um projeto que deu início a esta pesquisa:

Poema de Claudiana

Vou contar uma história
Que vocês vão gostar.
Vou falar de um grande homem,
Senta aí que vou contar.

Ele é um professor
Que adora o que faz.
Leva pra dentro da sala
Muito amor e muita paz.

Cada aula é uma alegria
Seus alunos gostam demais.
Cada minuto com ele na sala,
É um aprendizado que só ele traz.

A história não acabou
Tem muita coisa pra contar.
Ferreira é um professor
Que faz a gente se admirar.

Suas aulas são bem legais
Ele traz até os ancestrais.
Te mostra os brinquedos
As danças e muito mais [...]

Este estudo buscou explorar possibilidades que as práticas artísticas e criativas, com o corpo brincante, têm a contribuir para que pré-adolescentes se conectem com a ludicidade ao perceber o lado infantil de seus familiares ainda vivo; que estar em contato com os saberes populares e com as histórias de seus ancestrais é uma maneira de se reconhecerem culturalmente e afetivamente; que percebam que a inquietação de seus corpos nem sempre é

indisciplina; que se expressar no ambiente escolar é importante para o aprendizado, portanto não devem aceitar que seus corpos sejam invisibilizados ou calados.

Penso que, com esse projeto, colaborei para que estes alunos, em vulnerabilidade social e afetiva, pudessem ser mais valorizados na escola e em casa, contribuindo para sua permanência no ambiente escolar e para que tivessem acesso a uma formação de cidadãos críticos e transformadores de sua própria realidade. Embora tenha sido uma proposta audaciosa tendo em vista o curto espaço de tempo, considero que os relatos feitos em sala de aula e nas entrevistas demonstraram que as práticas criativas com o corpo brincante desempenham um papel fundamental no desenvolvimento desses estudantes.

Através da experimentação corporal, da expressão artística e da ludicidade, os alunos na fase da pré-adolescência e em situação de vulnerabilidade social puderam encontrar um espaço de acolhimento e empoderamento dentro da escola, na medida em que houve envolvimento e aceitação por parte do núcleo gestor, dos professores, bem como o suporte contínuo da coordenação pedagógica. Essa colaboração permitiu que os estudantes desfrutassem, plenamente, do brincar e da arte criando um ambiente educacional estimulante e prazeroso. O projeto *Brincar é uma felicidade* permitiu-lhes explorar e expressar suas emoções, experiências e perspectivas de forma criativa e autêntica, contribuindo para que se tornassem agentes de mudança em sua própria realidade. E foi possível reunir, dentro do mesmo espaço escolar, alunos com comportamentos, estruturas familiares e tipos de educação diferentes. Na verdade, a diversidade é uma realidade em qualquer ambiente educacional, e é essencial que as escolas estejam preparadas para acolher e atender às necessidades de todos os estudantes.

Dançando e brincando, é como se cada giro, cada salto, cada movimento revelasse uma parte de quem eles são e que ainda não conheciam e cada gesto revelava suas potencialidades a serem desenvolvidas. Os benefícios do brincar foram reconhecidos por todos educadores e os envolvidos nas atividades de diversas formas: aprender de maneira mais envolvente e prazerosa; desenvolver capacidades importantes, como a atenção, a memória e a imaginação; amadurecer a capacidade de socialização; promover a interação e a compreensão das regras; desenvolver a capacidade motora das crianças, permitindo-lhes aprimorar suas habilidades físicas; estimular o trabalho em equipe; ensinar valores; fortalecer a aceitação das opiniões dos colegas e contribuir para a formação de hábitos saudáveis. Além de aliviar o estresse e a ansiedade, promovendo o bem-estar emocional dos alunos. Os educadores ressaltam que as brincadeiras não se limitam apenas à diversão, mas também proporcionam aprendizados significativos que são levados para a vida.

Trata-se, aqui, de uma proposta que terá continuidade e será cultivado no ambiente escolar, tendo o brincar e a ludicidade como fios condutores para uma relação dos futuros cidadãos adultos com a manutenção de uma relação contínua com a autonomia, vinculada aos elementos de sua ancestralidade e comprometidos com um mundo melhor.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DEWEY, John. Ter uma experiência. *In*: DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 109-141.

FONDELHO, Maria; SCIVOLETTO, Sandra. **Adolescência, distanciamento, impulsividade, mudanças comportamentais, mudanças emocionais**. s/p, 2018 Disponível: <https://portaldaurologia.org.br/publico/sbu-jovem/sbu-jovem-artigos/mudancas-emocionais-e-comportamentais-na-adolescencia-o-que-pode-ser-considerado-normal/>. Acessado em: 17 dez. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 58. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MARQUES, Isabel A. **Interações: crianças, dança e escola**. São Paulo: Blucher, 2012.

SANTOS, Inaicyrá Falcão dos. **Corpos e Ancestralidade: uma Proposta Pluricultural de dança-arte-educação**. 2. ed. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F. LUCIO, P. B. **Metodologia da la investigación**. 4. ed. Cidade do México: McGraw-Hill Interamericana, 2008

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cad. CEDES**, v. 21, n. 53, p.69-83, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2023.

Músicas

CD, Ispinho e fulô. Grupo MiraIra. Fortaleza: Proaudio Gravação e Produção de discos Ltda. 1999. (120min)

FERREIRA, Raimundo e FERREIRA, Antônio. Reisado dos irmãos. Juazeiro do Norte Ceará

Entrevistas

Keiviane Lopes, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

João Lucas Lopes, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluno

Iasmin Galdino do Carmo Silva, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

José Aluizio Martins Gomes, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

João Miguel Martins, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluno

Hortência Marques da Silva, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Laércio Azevedo Silva, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluno

Dérick Tiago de Sousa Mendes, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluno

Paulo Levi Albuquerque de Oliveira, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluno

Ana Helen Maciel de Sousa, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Maria Luisa Victor Gonçalves, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Rafaelle dos Santos Alexandre, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Roberta Rejane dos Santos, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

Vera Lúcia Dantas de Santana, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

Ana Clara de Santana, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Claudiana do Nascimento, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

Ana Érica do Nascimento, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Maria Lucineide Souza Rocha, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

Francisca Micaele de Araújo Rocha, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Ismael Kelven dos Santos, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluno

Vanderlene Pereira de Sousa Mendes, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

Ana Carla Silva Conrado, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – responsável

Ana Clarice Silva Maciel, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – aluna

Angela Maria Brito Alves, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – educadora

Emanuel Andrade Leite, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – educador

Cheila Borges, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – educadora

Neiriana Lima, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – educadora

Lene Maia, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – educadora

Francisca Fabiana Silva Lima, entrevista concedida pelo google formulário 2023 – educadora

Djaila Maria da Silva Cordeiro, entrevista concedida pelo google formulário 2023 - educadora

Como citar este artigo:

SOUZA JUNIOR, Francisco Ferreira. O corpo brincante – uma abordagem artística e pedagógica desenvolvida com o projeto *Brincar é uma felicidade* na EMEIEF Rachel de Queiroz em Maracanaú/CE. 2023. 34f. TCC – Artigo defendido na UFC (Mestrado Profissional em Artes) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.